



FACULDADE DO
SERIDÓ

FACULDADE DO SERIDÓ – FAS

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROBSON MARCONDES DA SILVA DIOGO

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: A
RELAÇÃO ENTRE DOCENTE E DISCENTE NO ÂMBITO DO FUNDAMENTAL
I**

CURRAIS NOVOS – RN

2025

ROBSON MARCONDES DA SILVA DIOGO

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: A
RELAÇÃO ENTRE DOCENTE E DISCENTE NO ÂMBITO DO FUNDAMENTAL I

Artigo científico apresentado à Faculdade do Seridó
– FAS, como requisito para obtenção de nota na
disciplina de (TCC II), do curso de Licenciatura em
Pedagogia, bem como a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia, sob a orientação Prof.
Esp. Ana Lígia Estevam da Silva Lopes.

Dedico este trabalho àqueles que fizeram parte de toda minha trajetória acadêmica, de modo especial, aos meus pais, que nunca mediram esforços e sempre acreditaram nos meus sonhos, principalmente o de ingressar em uma faculdade.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: A RELAÇÃO ENTRE DOCENTE E DISCENTE NO ÂMBITO DO FUNDAMENTAL I

Robson Marcondes da Silva Diogo¹
Ana Lúcia Estevam da Silva Lopes²

RESUMO

O presente estudo aborda a importância da afetividade no Ensino Fundamental I como elemento essencial para o desenvolvimento integral do aluno, visando a criação de um ambiente de aprendizado acolhedor e seguro. A pesquisa destaca que a relação fundamentada no afeto, respeito e confiança entre professor e aluno aumenta a motivação e a participação discente, transformando o docente em mediador e o estudante em protagonista de sua aprendizagem. Com base nas contribuições de Wallon (2007) sobre as interações sociais e de Libâneo (2001) acerca da didática, discute-se a necessidade de superar práticas autoritárias em favor de uma abordagem humanizada. Os resultados indicam que a afetividade atua como um reforço positivo que contribui para o equilíbrio emocional, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a construção de valores como empatia, solidariedade e respeito. Conclui-se que, ao integrar conhecimento e emoção, o aprendizado torna-se mais significativo, permitindo que a escola cumpra sua função social de formar sujeitos críticos, sensíveis e conscientes.

Palavras-chave: afetividade. aprendizagem. desenvolvimento integral. ensino fundamental. relação professor-aluno.

ABSTRACT

This study addresses the importance of affectivity in Elementary Education as an essential element for the student's integral development, aiming to create a welcoming and safe learning environment. The research highlights that the relationship grounded in affection, respect, and trust between teacher and student increases student motivation and participation, transforming the teacher into a mediator and the student into a protagonist of their own learning. Based on Wallon's contributions regarding social interactions and Libâneo's regarding didactics, the need to overcome authoritarian practices in favor of a humanized approach is discussed. The results indicate that affectivity acts as a positive reinforcement that contributes to emotional balance, the development of socio-emotional skills, and the construction of values such as empathy, solidarity, and respect. It is concluded that, by integrating knowledge and emotion, learning becomes more meaningful, allowing the school to fulfill its social function of forming critical, sensitive, and conscious subjects.

Keywords: affectivity. learning. integral development. elementary education. teacher-student relationship.

¹ Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade do Seridó – FAS. E-mail: robsondiogo40@gmail.com.

² Especialista em: Libras, AEE (Atendimento Educacional Especializado); Psicopedagoga Clínica e institucional, Neuropsicopedagoga Clínica e Institucional, Educação Especial e inclusiva e pós-graduanda em Autismo. Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário INTA – UNINTA e Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Docente da Faculdade do Seridó – FAS. E-mail: analigia@faculdadedoserido.com.br.

1 INTRODUÇÃO

A afetividade no ensino fundamental transcende a mera transmissão de conteúdos, constituindo-se como um pilar fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, conforme defendem Wallon (2007), ao integrar as dimensões afetiva, cognitiva e social do desenvolvimento, e Libâneo (2001), ao compreender o ensino como um processo intencional que vai além da simples reprodução de conhecimentos. A relação estabelecida entre professor e aluno, permeada por afeto, respeito e confiança, cria um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e estimulante, perspectiva alinhada às concepções de Freire (1996) e Rogers (1977), que ressaltam a importância do diálogo, da empatia e da aceitação no processo educativo. Quando os estudantes se sentem seguros e valorizados, sua motivação para aprender aumenta, a participação em sala de aula torna-se mais espontânea e a construção do conhecimento ocorre de forma mais significativa, como apontam Rogers (1977) e Vygotsky (1991), ao enfatizarem o papel do ambiente emocional e das interações.

Ao fortalecer e criar um laço de confiança, o professor deixa de ser visto apenas como uma autoridade em sala e passa a ser reconhecido como um adulto em quem o aluno pode confiar e dialogar com segurança. Dessa forma, professor e estudante constroem juntos um ambiente de aprendizado mais acolhedor, que contribui para a formação de cidadãos críticos e seguros de suas decisões.

Ao se sentirem seguros para dialogar abertamente com seus professores, os estudantes encontram um porto seguro para expressar dúvidas, anseios e até mesmo dificuldades que possam impactar seu aprendizado. Essa abertura mútua pavimenta o caminho para uma experiência educacional mais rica e personalizada, onde o professor atua como um guia e facilitador, e o aluno se torna um protagonista ativo na construção do seu próprio saber.

Essa dinâmica colaborativa não apenas otimiza o processo de aprendizagem no presente, como também contribui significativamente para a formação de indivíduos mais críticos, autônomos e confiantes em suas futuras decisões enquanto cidadãos. O termo afetividade, de um modo geral, refere-se à capacidade humana de experimentar emoções e sentimentos, sejam eles positivos ou negativos, e de reagir a eles. Por isso a interação na escola é importante para o ensino aprendizagem, trabalhando o emocional do aluno ao abordar situações reais do dia a dia e fazer um paralelo com o conteúdo ministrado, tornando as aulas mais práticas e leves. De acordo com Wallon (2007) “a criança se forma no meio de constantes interações com o ambiente social. Seu desenvolvimento é produto de uma construção coletiva e dialética”.

O presente estudo tem como objetivo destacar a importância da afetividade como elemento essencial para o desenvolvimento integral dos alunos no ensino fundamental, compreendendo que o ato de educar vai muito além da simples transmissão de conteúdo. Busca-se analisar de que forma a construção de um laço de confiança entre professor e discente pode favorecer um ambiente de aprendizagem acolhedor, seguro e estimulante, capaz de promover maior participação e engajamento dos estudantes. Além disso, pretende-se evidenciar como uma relação pedagógica permeada por afeto, respeito e empatia contribui para o fortalecimento dos vínculos e para a construção significativa do conhecimento. Por fim, o estudo também visa acolher a criança em sua individualidade, reconhecendo e respeitando suas diferenças, necessidades e ritmos de aprendizagem, reafirmando a importância de uma prática docente humanizada e sensível às dimensões emocionais do educando.

A fins de alcançar os objetivos acima elencados, foi adotado uma metodologia qualitativa que contemplou entrevistas, observações e análise, com o intuito de investigar a visão dos discentes e docentes e sua relação. Este estudo também buscou analisar a figura do professor contemporâneo, que pode ser compreendido não somente como mediador, mas como o profissional que assume diversas facetas como: acolher, orientar, motivar e, assim construir vínculos. Dessa forma, ele(a) assume não somente uma posição de formador, mas de um profissional humanitário, contribuindo para a aprendizagem significativa dos alunos e sua autonomia.

O presente estudo estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, serão abordados os estudos que contemplam a relação entre professor e aluno, a afetividade e a aprendizagem significativa. Posteriormente, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados para a efetivação desta pesquisa, logo em seguida, são expostos os resultados obtidos e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A afetividade é um componente essencial no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no Ensino Fundamental I, sendo indissociável do desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Wallon (2007) e Piaget (1976) mostram que emoção e cognição caminham juntas, enquanto Vygotsky (1991) destaca o papel das interações sociais como base do aprendizado.

Rogers (1977) e Freire (1987) reforçam a importância de relações baseadas na empatia, respeito e diálogo, que tornam o professor um facilitador da aprendizagem e não

apenas um transmissor de conteúdo. Libâneo (2001) defende uma didática crítica e humanizadora, voltada à superação de práticas autoritárias.

Assim, a afetividade entre professor e aluno impacta diretamente o engajamento, a motivação, o rendimento acadêmico e o desenvolvimento integral da criança. Um ambiente escolar acolhedor, seguro e respeitoso é indispensável para formar alunos críticos, autônomos e emocionalmente equilibrados.

A educação, ao longo da história, tem passado por profundas transformações que refletem mudanças sociais, culturais e científicas. Nesse contexto, compreender a função do professor, os processos de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento do aluno exige um olhar fundamentado em diferentes perspectivas teóricas. Autores como Libâneo (2001), Piaget (1994), Tardif (2012), Vygotsky (1991) e Wallon (2007) compartilham a compreensão de que o processo educativo vai além da transmissão de conteúdos, envolvendo dimensões cognitivas, sociais, afetivas e culturais do desenvolvimento humano.

Dentre essas contribuições teóricas, destaca-se a abordagem de Libâneo, que enfatiza o papel da didática como elemento estruturante da prática pedagógica. Segundo Libâneo (2001, p. 28), a didática é a base que sustenta o processo de ensino, pois orienta o trabalho pedagógico de modo a articular o conhecimento científico, os métodos de ensino e as necessidades dos alunos. Para o autor, ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas organizar situações de aprendizagem que promova a formação crítica e reflexiva dos estudantes. O professor, nesse sentido, é um mediador do conhecimento, responsável por criar condições que possibilitem a compreensão e a aplicação dos saberes na realidade social. Assim, a didática assume um papel essencial na transformação da prática educativa, valorizando o diálogo, a interação e o respeito às diferenças individuais.

O olhar de Tardif (2012) complementa essa discussão destacando os saberes docentes como elementos centrais da profissão. Conforme o autor:

O conhecimento do professor é construído a partir de múltiplas fontes, a formação inicial e continuada, as experiências de vida, a prática cotidiana e as interações sociais no ambiente de trabalho. Essas diferentes fontes de saberes podem ser categorizadas em saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais, cada qual contribuindo de forma específica para a constituição da identidade e da prática docente. (TARDIF, 2012, p. 64)

Essa compreensão evidencia que a docência não se constitui apenas de saberes teóricos,

mas de uma integração complexa entre teoria, experiência, reflexão sobre a prática e relações afetivas construídas no cotidiano escolar. Os saberes experienciais, particularmente, revelam-se legitimados pela socialização profissional e pelo vínculo estabelecido com os alunos, uma vez que a prática docente envolve escuta, sensibilidade e interação constante, aspectos fundamentais para a mediação do processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva relacional e afetiva, as contribuições de Piaget (1994) tornam-se complementares, ao destacar que o desenvolvimento cognitivo e moral ocorre por meio das ações e experiências do indivíduo em interação com o meio. Para o autor, o conhecimento é construído progressivamente em contextos de troca e cooperação, nos quais o educador assume papel decisivo na promoção de valores éticos e sociais, pois, conforme afirma, “a cooperação é a forma ideal de interação social promotora do desenvolvimento” (PIAGET, 1994, p. 15). Assim, a aprendizagem significativa se fortalece quando mediada por relações de respeito, diálogo e afetividade.

Além disso, Piaget (1994) enfatiza que o desenvolvimento moral faz parte da formação humana, sendo construído nas relações sociais baseadas na cooperação, respeito mútuo e diálogo. Assim, o educador assume papel decisivo na promoção de valores éticos e na construção da autonomia moral dos estudantes.

As ideias de Wallon (2007, p. 9) aprofundam essa compreensão ao unir os aspectos afetivos, cognitivos e sociais do desenvolvimento infantil. Para o autor, a criança não é apenas um ser racional, mas um ser integral, em que emoção e pensamento estão interligados. A afetividade, portanto, exerce um papel determinante na aprendizagem, influenciando o comportamento, a atenção e a motivação do aluno. O professor, ao compreender essa relação, precisa criar ambientes acolhedores e emocionalmente seguros, capazes de favorecer a expressão dos sentimentos e o desenvolvimento equilibrado das crianças. O autor defende uma educação que valorize o afeto, a sensibilidade e a empatia, reconhecendo a importância das emoções no processo educativo.

Integrando as ideias desses autores, pode-se afirmar que a educação deve ser compreendida como um processo dinâmico, relacional e humano, em que o ensino e a aprendizagem acontecem na interação entre sujeitos. O professor, nesse cenário, é visto como um agente de transformação social, responsável por promover o desenvolvimento intelectual e socioemocional dos alunos. As relações afetivas e o diálogo entre professor e estudante tornam-se fundamentais para o sucesso da prática pedagógica, pois é por meio da confiança e do acolhimento que o aluno se sente motivado a aprender.

Assim, a partir de Libâneo (2001), compreende-se que o ensino exige intencionalidade

didática, enquanto Tardif (2012) amplia essa visão ao valorizar a formação contínua e os saberes experienciais. No campo do desenvolvimento, Vygotsky (1991) destaca a mediação social, Piaget (1976) o aspecto cognitivo-moral e, finalmente, Wallon (2007) a dimensão afetiva, compondo assim um quadro integral do processo educativo.

Dessa forma, todos esses teóricos contribuem para uma visão integrada e humanizadora da educação, na qual o professor é mediador, o aluno é sujeito ativo e o conhecimento é construído de maneira coletiva e significativa. O ensino, portanto, ultrapassa o domínio de conteúdos e se transforma em uma prática social, reflexiva e afetiva, capaz de formar cidadãos críticos, autônomos e emocionalmente equilibrados, preparados para atuar de forma consciente e solidária na sociedade.

Complementando essa discussão, é fundamental compreender que o processo educativo não se resume ao domínio de técnicas e conteúdos, mas volta-se à formação integral do ser humano, na qual os aspectos cognitivos, afetivos e sociais se entrelaçam. Nesse sentido, as concepções de Vygotsky (1991) e Wallon (2007) dialogam diretamente ao reconhecerem que a aprendizagem é um fenômeno social, construído nas interações e nas relações humanas. O ambiente escolar, portanto, deve ser concebido como um espaço de trocas simbólicas, de convivência e de valorização do sujeito em sua totalidade.

Vygotsky (1991, p. 143) destaca que a criança se desenvolve por meio das relações com o outro, sendo a linguagem o principal instrumento de mediação. É no contato com o professor e com os colegas que o aluno amplia sua capacidade de compreender o mundo, construindo conceitos e internalizando valores. Essa perspectiva reforça a importância do educador atuar como um mediador sensível e intencional, capaz de identificar o nível de desenvolvimento real do estudante e ajudá-lo a alcançar níveis mais elevados de compreensão. Tal mediação requer, além de domínio teórico, empatia, escuta ativa e afetividade, pois é por meio desses elementos que se cria o vínculo necessário para que a aprendizagem ocorra de forma significativa.

De forma complementar, Wallon (2007) argumenta que a emoção é uma dimensão indissociável do pensamento, e que o desenvolvimento humano só pode ser compreendido considerando a unidade entre o cognitivo, o afetivo e o motor. Assim, o professor precisa reconhecer o valor das emoções no contexto escolar, compreendendo que a criança aprende melhor quando se sente acolhida, segura e confiante.

O papel da escola, nesse sentido, é criar um ambiente socioemocionalmente saudável, no qual os alunos possam expressar seus sentimentos, desenvolver a empatia e construir relações baseadas no respeito mútuo. Essa abordagem não apenas fortalece os laços interpessoais, mas também contribui para a formação de sujeitos emocionalmente equilibrados

e socialmente conscientes.

A contribuição de Piaget (1994) também se faz presente ao destacar que o desenvolvimento moral e intelectual da criança é fruto de sua interação com o meio. O autor enfatiza que o aprendizado ocorre por meio da ação, da descoberta e da experimentação, sendo o professor um facilitador desse processo. No campo moral, Piaget defende que a cooperação e o respeito são aprendidos na vivência cotidiana, especialmente quando o ambiente escolar estimula o diálogo e a tomada de decisões coletivas. Essa perspectiva aproxima-se das ideias contemporâneas sobre educação socioemocional, que valorizam o desenvolvimento de competências como autonomia, empatia, autoconhecimento e responsabilidade social.

Por outro lado, Tardif (2012) chama a atenção para a dimensão profissional e reflexiva do trabalho docente, ressaltando que o professor é também um aprendiz em constante formação. Destacando que o educador precisa construir uma identidade profissional sólida, baseada na reflexão sobre a própria prática, na troca de experiências com os pares e na busca por novas metodologias. Tardif complementa essa visão ao afirmar que os saberes da experiência são tão valiosos quanto os saberes teóricos, pois resultam do contato direto com os alunos e com os desafios reais da sala de aula. Essa integração entre teoria e prática reforça a necessidade de uma formação continuada humanizadora, capaz de unir conhecimento científico, sensibilidade pedagógica e compromisso ético.

De acordo com Libâneo (2001), a didática deve ser compreendida como uma ciência voltada não apenas ao “como ensinar”, mas também ao “por que e para que ensinar”. Essa concepção amplia o papel do professor, que deixa de ser um simples transmissor de conteúdo para se tornar um agente transformador da realidade social. O ato de ensinar, portanto, envolve escolhas éticas, políticas e afetivas, pois cada prática educativa reflete uma visão de ser humano e de sociedade. Para Libâneo, o ensino só cumpre sua função social quando promove a formação crítica, consciente e solidária dos alunos, estimulando a reflexão, a autonomia e a responsabilidade.

Dessa forma, a afetividade se consolida como eixo integrador entre todas essas abordagens teóricas. Seja em Vygotsky (1991), Wallon (2007), Piaget (1994) ou Libâneo (2001), percebe-se que a relação afetiva entre professor e aluno é condição essencial para que o conhecimento se construa de forma duradoura e significativa. O componente socioemocional não é um complemento do aprendizado, mas uma de suas bases mais sólidas. Quando o aluno se sente acolhido, respeitado e valorizado, sua autoestima se fortalece e ele se torna mais disposto a enfrentar desafios, superar dificuldades e construir novos saberes.

Portanto, o referencial teórico aqui apresentado evidencia que a educação precisa ser

compreendida em sua dimensão humana, relacional e emocional. O professor, como mediador desse processo, deve unir competência técnica, sensibilidade e compromisso ético, buscando promover uma prática pedagógica que integre razão e emoção, conhecimento e afeto. Assim, o ambiente escolar transforma-se em um espaço de convivência, de trocas e de construção coletiva, onde todos professores e alunos aprendem e crescem juntos. Essa visão reafirma o papel da escola como um lugar de formação integral, capaz de preparar indivíduos críticos, criativos e emocionalmente conscientes, aptos a atuar de maneira ética e solidária na sociedade contemporânea.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem mista e bibliográfica, articulando procedimentos qualitativos e quantitativos, com o objetivo de compreender de forma aprofundada as dinâmicas presentes no ambiente escolar, conforme propõe Creswell (2010), ao defender a integração de diferentes métodos para ampliar a compreensão dos fenômenos educacionais. Quanto aos procedimentos de coleta de dados, foram utilizados a observação participativa em sala de aula, entrevistas semiestruturadas com professores e alunos, bem como a análise documental de planos de aula e projetos pedagógicos, em consonância com as orientações de Lüdke e André (1986) e Gil (2008). Os participantes da investigação foram professores do Ensino Fundamental I e alunos do 4º ano, permitindo uma análise contextualizada das relações pedagógicas e socioemocionais no ambiente escolar.

Os procedimentos metodológicos envolveram a aplicação das entrevistas, o registro sistemático das observações e, posteriormente, a análise e categorização dos dados coletados. Com base nos dados analisados, foi notado o comportamento dos alunos, e como ele vê seu educando em sala, quem é o educando para ele?

Com base na pesquisa documental, foi realizada a seguinte análise acerca do professor contemporâneo, compreendido não apenas como agente mediador do conhecimento, mas também como amigo, conselheiro, sujeito confiável, motivador e guia no processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1996; ROGERS, 1977). Nessa perspectiva, o docente ultrapassa sua função estritamente acadêmica, assumindo um papel formativo e humano, construído nas relações estabelecidas com os alunos. Assim, o professor é visto como um semeador de sonhos e um exemplo ético, capaz de orientar e estimular os estudantes a alcançarem seus objetivos de forma afetiva e empática, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, coesos e seguros de seus ideais (TARDIF, 2012).

Motivando e encorajando nesta fase tão crucial da vida, quebrando todo e qualquer paradigma do professor tradicional, sendo que além de transmitir conhecimento ele aprende com o indivíduo, havendo essa troca de ensino que tem grande peso no processo ensino aprendizagem.

Sobretudo, o docente deverá ir além de um educador comprometido com o desenvolvimento emocional, ele foca seu trabalho no afetivo e intelectual dos alunos. E juntos criam um ambiente harmonioso, acolhedor e estimulador de seus sonhos, assim, tornando-se cidadãos, autônomos, comprometidos, críticos e conscientes de seu papel na sociedade, capazes de valorizar o respeito pelo próximo, a empatia e a cooperação. Já Freire (1996) afirma que ensinar exige amor, pois a afetividade é indispensável à prática docente. “Não é possível ensinar sem a coragem de amar, sem a coragem de se abrir para o outro.” (Freire, 1996, p. 45). Retratando que não há prática docência sem afetividade, sem o carinho por ensinar, ou coragem de abraçar o ser humano em sua totalidade.

O educador que ensina com amor, conquista o aluno com mais gentileza e impacta de forma genuína, e em sua totalidade se expressa melhor, cria a rotina de ensino aprendizagem mais fluida, sendo o aluno como sujeito ativo, capaz de pensar, sentir e construir saberes. Esse processo valoriza a construção do indivíduo como um todo, onde o educando é o mediador dessa transformação, elevando as habilidades do aluno, de forma que abraça o educador, compreenda a metodologia e sinta se incluído, não vendo o professor como a pessoa dona do saber, mas, que também está construindo e aprendendo junto ao aluno. Dessa forma, o ambiente escolar torna-se um espaço vivo de aprendizagem, onde todos ensinam e aprendem em uma relação de respeito, cooperação e afeto mútuo. Nesse contexto o professor é tido como facilitador do conhecimento, ele promove valores humanos, estimulando a participação ativa, incentivando no diálogo e empatia entre os alunos.

O ambiente escolar passa a ser visto de modo único, não apenas como um local de transmissão de saberes, mas como um espaço de convivência, troca de experiências e evolução coletiva, onde o espaço escolar, o ensino aprendizagem acontece de forma fluida e prazerosa. Assim formando uma comunidade educativa que valoriza o ser humano em sua totalidade, fortalecendo laços, cultivando o emocional e social de todos os indivíduos.

A ampliação desta metodologia busca reforçar a importância do olhar sensível e investigativo do pesquisador no ambiente escolar, destacando que o método qualitativo não se restringe à coleta de dados, mas compreende a interpretação das relações humanas e das subjetividades que emergem do cotidiano educativo. Assim, o processo metodológico foi conduzido com base na observação participativa e no diálogo constante com os sujeitos da

pesquisa, valorizando as experiências, percepções e sentimentos expressos por professores e alunos.

Durante a observação em sala de aula, buscou-se compreender as interações afetivas e socioemocionais entre professor e aluno, observando de que forma o vínculo estabelecido entre ambos influencia o comportamento, o engajamento e o desempenho escolar. Essa análise revelou que o afeto é um mediador essencial do processo de ensino-aprendizagem, pois cria um ambiente de confiança e pertencimento, onde o estudante se sente valorizado e estimulado a participar ativamente. Assim, a metodologia adotada permitiu compreender que o ato de ensinar vai muito além da transmissão de conhecimentos técnicos: ele envolve o desenvolvimento emocional, social e humano dos sujeitos.

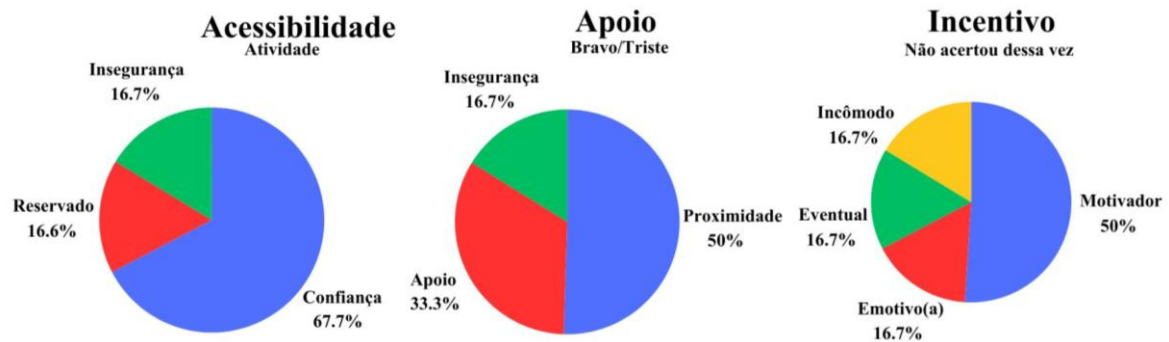
As entrevistas semiestruturadas possibilitaram captar a voz dos participantes, suas percepções sobre o papel do professor contemporâneo e sobre o impacto da afetividade na aprendizagem. A fala dos alunos evidenciou que se sentem mais motivados e seguros quando o professor demonstra empatia, escuta ativa e disponibilidade para o diálogo. Já os docentes relataram que o trabalho afetivo fortalece a confiança mútua e facilita o processo pedagógico, tornando a sala de aula um espaço de construção coletiva do conhecimento. Essas respostas reforçam a visão de Freire (1996), que considera o ato de ensinar como um gesto de amor e coragem, e de Tardif (2012), ao compreender que o professor é um sujeito reflexivo, que aprende com a própria experiência e com o outro.

No que se refere à análise documental, foram examinados planos de aula, registros pedagógicos e projetos interdisciplinares. Esse levantamento mostrou a preocupação crescente das escolas com a dimensão socioemocional dos alunos, ainda que muitas práticas ainda estejam em processo de consolidação. A documentação revelou que os professores buscam integrar estratégias de ensino que envolvem a escuta, o diálogo e a valorização das emoções, reconhecendo a importância de um ambiente escolar acolhedor e participativo. Contudo, também se observou a necessidade de uma formação docente contínua, que amplie a compreensão dos educadores sobre as competências socioemocionais e sobre como aplicá-las de maneira efetiva no cotidiano escolar.

A metodologia adotada evidenciou que o processo educativo é uma prática social e relacional, que ultrapassa o caráter técnico do ensino. Os resultados indicam que a postura reflexiva do professor, aliada à análise crítica da prática pedagógica, favorece a construção de uma aprendizagem significativa e humanizada, articulando teoria e prática no contexto escolar.

4 RESULTADOS

Figura 1 - Gráfico representativo das questões que tiveram mais divergência.



Fonte:elaborado pelo autor.

Iniciou-se a pesquisa de dados com as turmas do Ensino Fundamental I (anos iniciais) da Escola Municipal Presidente Castelo Branco, localizada no município de Currais Novos–RN. A coleta ocorreu no turno matutino e contou com a aplicação de um questionário composto por dez questões objetivas, elaborado com o objetivo de compreender a percepção dos alunos acerca da atuação do professor em sala de aula. O instrumento foi encaminhado aos docentes por meio de *link* disponibilizado via aplicativo *WhatsApp*, possibilitando o acesso e a aplicação junto às turmas.

Os professores realizaram a leitura das questões para os alunos, que assinalaram a alternativa que melhor representa sua realidade escolar. Entre as questões aplicadas, algumas apresentaram maior diversidade de respostas, destacando-se a pergunta: “Se você comete um erro, seu professor te faz sentir que está tudo bem e que você pode tentar de novo?”. Os resultados indicaram que 50% dos alunos responderam positivamente, afirmando que o professor sempre os incentiva a melhorar. As demais respostas distribuíram-se igualmente entre as opções: “Sim, mas às vezes fico triste quando erro” (16,7%), “Não, não gosto de sentir que errei em algo” (16,7%) e “Às vezes” (16,7%).

A análise desses dados evidencia que a postura do professor diante do erro influencia diretamente a segurança emocional dos alunos e sua disposição para aprender. Tal constatação dialoga com as contribuições de Wallon (2007), ao afirmar que as emoções ocupam lugar central no desenvolvimento infantil e que as reações do adulto frente às ações da criança interferem significativamente em sua autoconfiança e no processo de aprendizagem. De modo complementar, Rogers (1977) destaca que ambientes educativos baseados na aceitação, no respeito e no encorajamento favorecem a aprendizagem significativa, uma vez que o aluno se sente acolhido e compreendido em suas dificuldades.

Em outra questão, que investigava a dimensão emocional da relação pedagógica —

“Quando você está triste ou bravo, você sente que pode conversar com seu professor?”, os resultados demonstraram que 50% dos alunos afirmaram sentir-se bastante próximos do professor, enquanto 33,3% relataram sentir que podem contar com ele. Por outro lado, 16,7% indicaram não se sentir à vontade para compartilhar seus sentimentos. Esses dados reforçam a compreensão de que o professor assume um papel que ultrapassa a mediação cognitiva, configurando-se também como referência afetiva para o aluno. Essa perspectiva encontra respaldo em Vygotsky (1991), ao enfatizar que o desenvolvimento humano ocorre nas interações sociais e que o vínculo estabelecido entre professor e aluno é fundamental tanto para a aprendizagem quanto para o desenvolvimento emocional, favorecendo a construção de um ambiente de comunicação ativa e harmoniosa.

Os resultados mostram que a relação afetiva entre professor e aluno é um ponto crucial e essencial no âmbito escolar. A maior parte dos alunos (83,3%) demonstra confiança e proximidade com o professor, o que reforça ainda mais a ideia da importância do trabalho socioemocional e afetivo na aprendizagem. Quando o aluno sente segurança, percebe que pode conversar, desabafar e sente esse acolhimento por parte do professor, ele se sente emocionalmente seguro e disposto a participar das atividades escolares, motivado a aprender.

No entanto, uma parcela dos alunos (16,7%) afirma não se sentir à vontade para compartilhar seus sentimentos e o que está sentindo. Isso só mostra como o trabalho do professor vai além de apenas ensinar uma didática ou transmitir conhecimentos. Ele também precisa estar atento às emoções e necessidades individuais do seu aluno, criando assim um ambiente em que o estudante se sinta seguro para conversar e desabafar sobre suas emoções, transformando a sala de aula em um espaço harmonioso, seguro e com uma comunicação ativa, onde o aluno sente que não está só.

Ao levantarmos os dados, houve perguntas que tiveram 100% de concordância entre as turmas de 1º ao 5º ano do turno matutino, demonstrando o quanto é significativo o trabalho socioafetivo. A pergunta foi: “Você se sente seguro e acolhido na sua sala de aula?”.

Com base nos dados obtidos, é notável o quanto o trabalho com afetividade na prática docente tem uma importância incrível. Além disso, tais respostas contribuem para a reflexão, destacando a importância de uma prática afetiva que valoriza a conversa ativa, acolhendo e respeitando as emoções do indivíduo como elementos essenciais no processo de ensino-aprendizagem. Essa postura fortalece o vínculo entre professor e aluno, promovendo um ambiente mais humanista e colaborativo, tornando-se um espaço no qual o educando se sinta seguro para agir, se expressar, aprender e desenvolver suas habilidades, juntamente a um espaço que abraça o indivíduo em sua totalidade.

Assim, a forma de transmitir conhecimento passa a ser uma construção compartilhada de diversos saberes e sentimentos, na qual serão consideradas as experiências de vida conforme a didática aplicada pelo professor, promovendo uma educação mais significativa e transformadora. Desse modo, o professor assume uma posição fundamental como mediador nas relações interpessoais, trabalhando o respeito mútuo, a empatia e a escuta sensível.

Ao tornar o ambiente escolar um espaço de acolhimento e convivência harmoniosa, o aprendizado torna-se significativo, contribuindo no desenvolvimento emocional dos alunos e estimulando atitudes de solidariedade, cooperação e valorização das diferenças. Esta postura promove não só o crescimento acadêmico, mas também a formação de cidadãos justos, críticos e capazes, com responsabilidade e sensibilidade no meio em que convivem.

Ao analisar o conjunto dos dados obtidos, percebe-se que a presença da afetividade na relação pedagógica é um elemento determinante para o sucesso educacional e para o desenvolvimento integral do aluno. As respostas dos estudantes evidenciam que o professor que atua com empatia e sensibilidade é capaz de gerar um ambiente mais propício à aprendizagem, pois o afeto desperta no aluno sentimentos de confiança, segurança e pertencimento. Quando o estudante sente que é acolhido e compreendido, ele passa a se envolver mais nas atividades, expressar suas opiniões e construir o conhecimento de forma mais autônoma e participativa.

Esse resultado reforça o papel do professor como mediador das emoções e dos saberes, que reconhece em cada aluno um sujeito singular, com suas experiências, limites e potencialidades. A prática docente, quando pautada na escuta ativa e na empatia, transforma a sala de aula em um espaço de convivência mais democrático, no qual o respeito mútuo e a valorização das diferenças se tornam princípios educativos. Assim, a afetividade não é apenas um complemento à aprendizagem, mas um componente essencial que humaniza o processo educativo e o torna mais significativo.

É importante destacar que o desenvolvimento das competências socioemocionais na escola contribui para a formação de alunos mais equilibrados emocionalmente, colaborativos e resilientes. O fortalecimento dessas competências está diretamente ligado à atuação do professor, que, ao incorporar práticas afetivas, auxilia os estudantes a compreenderem e gerenciarem suas emoções, desenvolverem empatia e aprimorarem suas habilidades de convivência.

Desse modo, o ambiente escolar pode ser compreendido como um espaço vivo de aprendizagem e de relações saudáveis, no qual o conhecimento é construído coletivamente por meio das interações sociais (VYGOTSKY, 1991). A análise dos dados evidencia que a afetividade constitui um importante canal de comunicação entre professor e aluno, favorecendo

o diálogo, a troca de experiências e o fortalecimento dos vínculos pedagógicos (WALLON, 2007). Quando o estudante encontra um ambiente marcado pela empatia, pelo respeito e pela ausência de julgamentos, sente-se mais seguro para se expressar, assumindo um papel ativo e protagonista em seu processo de aprendizagem (FREIRE, 1987; ROGERS, 1977).

Essa dinâmica fortalece o vínculo pedagógico e promove uma relação mais humana e cooperativa. Nesse contexto, o professor deixa de ser apenas o transmissor do conhecimento para assumir o papel de orientador, motivador e parceiro de construção do saber.

Portanto, o estudo confirma que o trabalho afetivo e socioemocional na prática docente é um instrumento transformador dentro do ambiente escolar. Ele se torna essencial, pois permite que o ensino seja mais inclusivo, participativo e sensível às necessidades individuais. O professor, ao agir com empatia, respeito e amor pelo que faz, contribui para o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes, críticos e emocionalmente fortalecidos. Assim, o ato de educar ultrapassa os limites da instrução e se consolida como um ato de cuidado, compromisso e humanização, promovendo uma educação integral que une razão e emoção no processo de aprender e ensinar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo, retomamos o objetivo geral da pesquisa: compreender como a essa dimensão do desenvolvimento socioemocional se manifestam na relação entre professor e aluno nos anos iniciais do Ensino Fundamental, analisando como essas dimensões influenciam o processo de ensino e aprendizagem. Para isso, foi realizada uma investigação com docentes e alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Presidente Castelo Branco, buscando identificar percepções, vínculos e práticas afetivas presentes no ambiente escolar.

Os resultados alcançados demonstram que a afetividade se manifesta como um elemento fundamental para o desenvolvimento integral dos discentes. Os dados evidenciaram que a maioria dos participantes das crianças se sente acolhida, segura e motivada na presença de seus docentes, reconhecendo-os como figuras de apoio emocional e orientação pedagógica. O fato de 50% dos estudantes afirmarem que seus professores sempre os encorajam após um erro, e mais de 80% relatarem se sentir próximos e confiantes para conversar quando estão desanimados, entristecidos ou contrariados, denota a força do vínculo afetivo na dinâmica escolar.

Esta pesquisa apresenta como contribuição o reforço à importância da prática docente pautada na afetividade, reconhecendo o professor como mediador das emoções e dos saberes.

Esse fato demonstra que o trabalho socioemocional não é um mero complemento do ensino, mas um componente fundamental para que a aprendizagem dos alunos seja significativa e efetiva. Ao mostrar a percepção dos estudantes acerca dos seus professores, o estudo oferece subsídios para que as instituições de ensino repensem suas práticas, fortalecendo vínculos e desenvolvendo estratégias que valorizem o cuidado, o diálogo e o acolhimento. Além disso, contribui para ampliar o debate sobre a formação docente, destacando que a dimensão afetiva deve ser considerada tão importante quanto os conhecimentos pedagógicos e metodológicos.

Os limites da pesquisa incluem o fato de ter sido realizada em apenas uma escola, com um número reduzido de participantes, o que impede a generalização dos resultados. As perguntas objetivas também podem ter limitado respostas mais profundas, e a mediação dos professores durante a aplicação pode ter influenciado a espontaneidade dos alunos.

Para estudos futuros, recomenda-se ampliar o escopo de instituições de ensino e utilizar métodos qualitativos complementares, como entrevistas e observações, além de aprofundar a análise dos dados quantitativos.

Em síntese, o estudo corrobora a compreensão de que a afetividade é um fator essencial no contexto educacional, fortalecendo vínculos e favorecendo a aprendizagem. Ensinar configura-se como um ato humano que exige sensibilidade e reconhecimento do aluno em sua totalidade, contribuindo para a construção de uma escola mais acolhedora e significativa.

REFERÊNCIAS

- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2001.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. Tradução de Elzon Leonardon. São Paulo: Summus, 1994.
- ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender**. Columbus: Charles E. Merrill Publishing

Company, 1977.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.